

TURISMO EM SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE: POTENCIALIDADES E CONSTRANGIMENTOS DO SEGMENTO ECOLÓGICO

Brígida Rocha Brito

Enquanto Pequeno Estado Insular em Desenvolvimento, São Tomé e Príncipe (STP) tem sido, ao longo do tempo, influenciado por um conjunto de factores estruturais, que o caracterizam, entre os quais a insularidade arquipelágica, a pequena dimensão, a distância em relação aos principais centros internacionais, o isolamento e a vulnerabilidade face ao meio. Entre outros efeitos, esta situação tem condicionado o desempenho interno e afectado o relacionamento internacional de âmbito económico, aumentando a dependência produtiva em relação ao sector primário, caracteristicamente pouco diversificado e destinado a um mercado interno limitado e marcado pela informalidade.

Do ponto de vista ambiental, o país é caracterizado pela abundância, pela biodiversidade e pelo endemismo de flora e de fauna em meio florestal, fluvial, costeiro e marinho, evidenciando-se assim diversidade paisagística. Como espaços naturais de relevo pode destacar-se a densa mancha florestal do Parque Natural Obô, as Zonas Ecológicas de mangal de Malanza e de savana da Praia das Conchas, as áreas costeiras com arribas e com praias de areia branca, dourada e negra. Por outro lado, é de referir que, pelas características vulcânicas, o solo do arquipélago é marcado por acidentes de relevo, em que as elevações e os picos adquirem importância, complementados pela existência de elevado número de cursos de água.

Apesar de, na última década, se ter registado um intenso processo de urbanização com progressiva

desertificação de algumas regiões e com concentração da população em zonas urbanas e periurbanas, resultante das deslocações internas, a ruralidade é ainda um dos factores caracterizadores da população santomense, que concilia as actividades produtivas do sector primário, como a agropecuária, a pesca, a extracção de matérias primas e a recolheção, com o comércio.

Os factores estruturais identificados e vulgarmente classificados como constrangedores têm sido complementados pela acção humana, nem sempre planeada de intervenção directa, decorrente da necessidade de garantir a sobrevivência familiar, exercendo pressão sobre o meio, pondo em causa o seu equilíbrio (desflorestação e extracção de inertes) e a conservação de espécies classificadas de ameaçadas a nível internacional (tartaruga marinha, papagaio, macaco).

Mas se, em grande medida, os traços estruturais têm significado a existência de constrangimentos, também se pode considerar que resultaram positivamente, potenciando o incremento do turismo porque entendido como sector promotor do desenvolvimento integrado e sustentável. É vulgar e consensual a ideia de que o turismo é um sector dinâmico e dinamizador de mudanças, sendo simultaneamente equacionado como criador de oportunidades e meio de valorização dos recursos internos, sejam naturais ou humanos.

A prática turística em meio insular apela à concepção idealizada de lazer e de férias em locais paradisíacos, marcados pela diferença e pela particularidade, pelo distanciamento em relação ao quotidiano, por ambientes preservados e ricos em espécies exóticas de flora e de fauna, mas também pela existência de grupos comunitários que garantem a continuidades das culturas tradicionais através da manutenção de práticas ancestrais. Enquanto país insular africano, STP enquadra-se nestes requisitos podendo ser definido como um destino turístico viável, já que se identificam: ambientes diversificados; espécies variadas e endémicas; a presença de uma sociedade miscigenada, marcada por influências socioculturais de origem africana e europeia, com forte preponderância da caboverdeana e portuguesa.

Contudo, apesar de, em 2000, o Estado ter definido o segmento ecológico como uma prioridade estratégica, e de ser notório um relativo incremento na oferta e na prestação de serviços turísticos directos e indirectos, com diversificação, o sector tem continuado a revelar um desempenho económico marginal, situação evidenciada pelo número de chegadas internacionais e pelas receitas geradas anualmente, que não têm traduzido um crescimento significativo.

No quadro turístico santomense, é fácil identificar um conjunto de segmentos que têm revelado possibilidade de dinamização. Assim, o segmento:

1. de negócios, que é ainda relevante e claramente marcado por uma forte mobilidade, centrando-se na capital, revestindo a forma urbana e evidenciando um carácter irregular nas actividades desenvolvidas (oferta diferenciada de hotéis de cidade com tendência para aproximação aos padrões internacionais);
2. ecológico, que tem adquirido importância desde 2000, valorizando ambientes preservados, contribuindo para a conservação de espécies e colaborando na sensibilização das comunidades locais, através do estabelecimento de contactos directos e da dimensão pedagógica que a viagem encerra (hotéis em espaço rural – “Roça” – ou em meio balnear, oferecendo enquadramento ambiental com preservação, conservação e valorização de áreas protegidas, e ainda proximidade de grupos comunitários locais);
3. o segmento balnear ou heliotrópico, que tem sido valorizado porque entendido como complemento às duas práticas anteriores (hotéis de cadeias internacionais localizados em meio costeiro e balnear ou efectivado em deslocações pontuais).

O incremento do turismo tem sido, em grande medida, dinamizado com a parceria dos operadores turísticos locais que entendem o sector como uma alternativa de longo prazo promotora de sustentabilidade, por se fundamentar na criação de redes produtivas endógenas geradoras de autonomia e de reforço identitário.

Brígida Rocha Brito

Doutorada em Estudos Africanos, investigadora principal no Centro de Estudos Africanos (CEA/ISCTE) a desenvolver investigação de Pós Doutoramento financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (MCTES).